

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Liberal Class.: 2392

Data: 15/11/191 Pg.: _____

Um subcontinente escondido do mundo

O século XVIII encontrou a Amazônia em pleno processo de definição política. Ao norte, franceses e portugueses negociavam o território do Império da Guiana - que, na reivindicação francesa, ia do litoral do Atlântico até a margem norte do rio Amazonas, e, na versão portuguesa, se limitava à virtual fronteira de hoje. A leste, portugueses disputavam as terras coloniais com os holandeses, a oeste com os espanhóis. Ao sul era o sertão desconhecido - as lavas colonizadoras no se atreviam a deixar o litoral. Se, no caso com os holandeses e franceses a situação evoluiu para a guerra aberta - o Amapá foi tomado pelos

franceses e retomado pelos portugueses e, inversamente, aconteceu no Maranhão - no caso espanhol tratou-se de consolidação de domínio e áreas de influência, realizado através de um sem-número de escaramuças. De forma ostensiva, os espanhóis só reivindicaram seus direitos em 1731 e apenas para tomar conhecimento, em 1750, de lhe sobravam as bordas do vale amazônico, cujo cerne permanecia português.

Um ano depois, Mendonça Furtado, governador do Estado do Maranhão e Grão Pará, sediado em Belém, em carta ao marquês de Pombal referia a extensão do Estado que, a partir daquele ano,

lhe competia governar. Diz a carta:

'V. Ex.^a não ignora as vastas terras de que se compõe este Estado, que principiando no mar oceano e correndo contra o sul pela serra da Ibiapaba, voltando contra oeste pelas minas de São Félix e Natividade, continuando pelas largas terras até o Mato Grosso, e vindo pelo que hoje possuímos, continuando a buscar outra vez o norte, compreendendo parte dos rios Sararé, Madeira, Negro, Solimões, Amazonas, e as campinas e matas que ficam até o rio de Vicente Pinzón, no Cabo do Norte, compreendem mais de 1.500 léguas de sertões cheios de preciosíssimos terrenos.'

As minas de São Félix e Natividade, ficavam nas margens do rio Tocantins e, portanto, grande parte do território goiano pertencia ao Estado do Grão Pará, ou assim foi considerado, diz Marcos Carneiro de Mendonça. Fronteiras? Apenas referências naturais vagas: a extensão era inconcebível para os europeus, como, aliás, acontece ainda hoje. Riquezas? 'Preciosíssimos terrenos', diz Furtado, no que é secundado por um coro de cronistas.

O mesmo Furtado tomaria, pouco depois, a iniciativa para 'resgatar da ruína', na sua própria expressão, o Estado que governava. Quase cem anos depois que franceses e ingleses haviam instituído suas companhias de comércio visando a exploração colonial de territórios americanos, ele propõe a criação da Companhia Geral do Grão Pará e Maranhão, lançada afinal em Lisboa em 1755 pelos 'homens de negócio da praça de Lisboa', com o favor do rei. Mal nascida, a Companhia sofreu seu primeiro abalo, literalmente sísmico: o grande terremoto que

A acusação de Furtado

Em 1751, Francisco Xavier de Mendonça Furtado assumia o governo do Maranhão e Grão Pará. Irnã de Sebastião José de Carvalho e Mello, então conde de Oeiras e depois marquês de Pombal, trocou com este uma longa correspondência, durante todo o seu governo. Correspondência extra-oficial, nela eram tratados assuntos do Estado que, por várias vezes, Furtado caracteriza como tendo encontrado em 'extrema miséria'. Na primeira carta escrita a Pombal, Mendonça Furtado faz uma forte carga contra as ordens religiosas e descreve a situação, à época:

'Como neste Estado não é rico o que tem muitas terras, senão aquele que tem maior quantidade de índios, tanto para a cultura como para a extração de drogas dos sertões, entram todos estes padres, com o pretexto

das missões, não só a fazerem descimentos, como eles lhes reclamem, não conforme às ordens de S. Maj., mas, na maior parte das vezes, por meios violentos, indignos e até faltando à fé que deveram ter com os miseráveis índios com quem contratam; porque a maior parte das vezes sucede trazerem amarrados, não só os Principais, mas até as suas mesmas famílias, com quem estão contratando para os descimentos, roubando-se uns aos outros, e vendo o modo porque hão de furtar os índios de umas aldeias para outras, e até nesta mesma cidade, amarrando pelas ruas os índios que encontram, com o pretexto de que pertencem às suas doutrinas ou aldeias, cujas violências vou evitando à proporção dos casos que vão sucedendo, e já neste pouco tempo tenho mediado três atentados destes.'



O rio marca a Amazônia: antes único acesso, hoje o mais importante. Canoa num furo próximo a Belém.

O índio era a base da economia

destruiu Lisboa em novembro de 1755 virtualmente liquidou com a Companhia. No ano seguinte, tentava o Conde de Oeiras soerguê-la, ampliando os prazos e facilitando a captação de fundos, mas jamais Mendonça Furtado conseguiria os grandes resultados a que se propusera.

O objetivo da Companhia era claro: traficar escravos negros, aumentar o comércio com a metrópole e disciplinar o próprio comércio local. A Companhia cumpriu seus objetivos e, até 1778, quando foi extinta, trouxe para o Pará 12.587 escravos ne-

gros - cuja maioria foi exportada para o Mato Grosso, segundo Monteiro Baena por falta de compradores locais.

Na primeira metade do século XVIII, na Amazônia, os poucos brancos existentes viviam cercados por multidões de indígenas, contra quem freqüentemente eram obrigados a travar guerras. Dependia o poder civil português das autoridades eclesiásticas, das seis ordens religiosas que fizeram as missões locais - Jesuítas, Mercedários, Carmelitas, Capuchinhos e Franciscanos - estes divididos na ordem da Província de

Santo Antonio e na ordem oriunda da Beira e do Minho - cuja ascendência sobre os indígenas era quase completa. O governo português, fundado em que era necessária a vassalagem dos povos novos para garantir a posse das terras, proibira a escravidão indígena, o que nunca fora cumprido nas colônias, embora servisse de argumento principal na disputa entre as autoridades leigas e as religiosas, que se acusavam mutuamente, diante do rei, de semelhante prática. Por outro lado, as epidemias de varíola dizimavam freqüentemente a população do

Estado. E se, por um lado, queria Mendonça Furtado resgatar a ruína do Grão Pará, sua correspondência deixava claro os objetivos europeus em relação à Amazônia - aumentar os negócios da coroa portuguesa, explorar as terras em favor de Portugal.

Figuravam, pois, as drogas do sertão e os indígenas como os principais itens econômicos. A discussão sobre as 'terras larguíssimas' se restringia a como aproveitá-las melhor. Enquanto isto não acontecia e as tentativas não frutificavam, Portugal travava seus domínios a sete chaves: era proibida a navegação interior da Amazônia para quem não tivesse licença expressa, e alguns rios chegaram a ficar com a navegação completamente proibida, durante alguns períodos.

O mercantilismo vigente também produzia seus efeitos. O século XVIII registrava, já, o início da aceleração tecnológica que desembocaria na revolução científica de hoje. O subcontinente escondido por Portugal passou a interessar cada vez mais aquela casta de homens a quem se chamou de naturalistas - que juntavam, num único perfil, voracidade científica, patriotismo, política e, eventualmente, riqueza.

É nessa época que a Amazônia, ainda sob o enfoque das 'terras larguíssimas' começa a ser verdadeiramente descoberta - e é dessa época que, ao contrário do que muitos pensam, data o início de uma discussão objetiva sobre a região.

Por outro lado, a coroa portuguesa tomava cuidado com o reconhecimento dos lugares, o verdadeiro reconhecimento das terras a que se adjudicava. Do século XVIII ressalta o trabalho de Lobo d'Almada, governador da capitania do Rio Negro, no levantamento dos rios da região, na discussão e fixação dos limites ocidentais das posses portuguesas e na própria defesa do território. O trabalho missionário, por seu turno, enquanto existiu, está todo ele eivado de informações, levantamen-

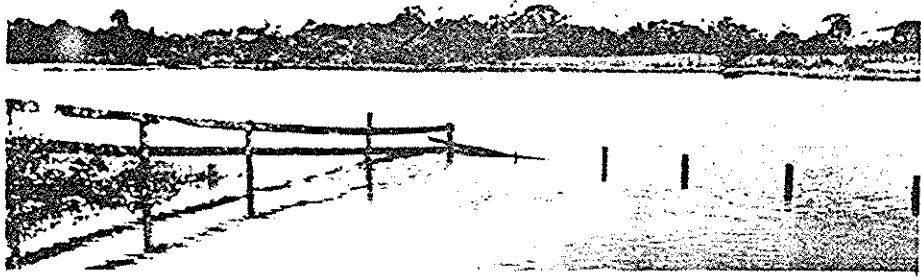


UELREI. Faço saber aos que este Alvará de confirmação virem, que havendo visto, e considerado com pessoas do meu Conselho, e outros Ministros doutos, experimentadas, e zelosos do serviço de Deos, e meu, e do bem commum dos meus Vassallos, que me pareceram consultar, os sincoenta e sinco Capítulos, e Condições contidos nas doze meias folhas atrás escritas rubricadas por Sebastião José de Carvalho e Melo do meu Conselho, e Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros, e da Guerra, que os Homens do Commercio nellas enunciados fizeram, e ordenarão com meu Real consentimento para formarem huma Companhia, que tem outro gualdo da minha Fazenda, antes com beneficio della, e do bem commum d'esses Reinos, e das Capitancias do Grão Pará, e Maranhão, cultive nellas o commercio, e a navegação, tomando sobre si os comboyes das Frotas, e guardas das costas daquelle Estado: E porque, sendo examinadas as mesmas Condições com maduro conselho, e prudencia de heração, se achou não só serem convenientes, e com ellas a mesma Companhia, contendo esta notoria utilidade para a conservação, augmento, e defença daquelle Estado, e suas Frotas; mas tambem o grande serviço, que neste particular faz a dita Companhia, e as pessoas, que com ella promovem o commercio, e a agricultura por hum tão util, e solido estabelecimento: Em consideração, e remuneração de tudo, e do amor, e zelo com que se dispõe a me servir a dita Companhia: Hei por bem, e me praz de lhe confirmar todas as ditas Condições, e cada huma em particular, como se de verbo ad verbum aqui foilem inferidas, e declaradas; e por este meu Alvará lhas confirmo de meu proprio motu, certa sciencia, poder Real, e absoluto, para que se cumprão, e guardem inteiramente como nellas se contem: E quero que esta confirmação em tudo, e por tudo lhas seja observada inviolavelmente, e nunca possa revogar-se, mas sempre como firme, valid., e perpetua, e seja em sua força, e vigor sem diminuição, e lhe não seja posto, nem possa por duvida alguma a seu cumprimento, em parte, nem em todo, em Juizo, nem fora d'elle, e se entenda sempre ser feita na melhor forma, e no melhor sentido, que se possa dizer, e entender a favor da mesma Companhia, e do commercio, e conservação d'elle: Havendo por suppridas (como se postas foilem neste Alvará) todas as clausulas, e solemnidades de feito, e de direito, que necessarias forem para a sua firmaza; e derogo, e hei por derogadas todas, e quaesquer Leis, Direitos, Ordenações, Capítulos de Cortes, Provisões extravagantes, e outros Alvarás, opiniões de Doutores, que em contrario das Condições da mesma Companhia, ou de cada huma dellas possa haver por qualquer via, ou por qualquer modo, posto que tres seja, que fosse necessario fazer aqui dellas especial, e expressa relação de verbo ad verbum; sem embargo da Ordenação do Livro segundo Titulo quaranta e quatro, que dispõe não se entender ser por Mim derogada Ordenação nenhuma, se da substancia della não fizer declarada menção: E para maior firmeza, e irrevocabilidade desta confirmação prometto, e seguro de assim o cumprir, e fazer cumprir, e manter, e lha não revogar debaixo da minha Real palavra, sustentação aos interessados nesta Companhia na conservação d'ella, e do seu commercio como seu Protector, que sou: E terá este Alvará força de Lei.

Primeira página do alvará real que instituiu a Companhia do Grão Pará e Maranhão, proposta por Mendonça Furtado.

tos, relatos, crônicas e observações sobre a potencialidade das terras. Para uso interno do reino e da coroa - mas os documentos foram, pouco a pouco, estabelecendo a primeira massa de informações em torno das quais se discutia o então Estado do Maranhão e Grão Pará, depois tornado Estado do Grão Pará e Rio Negro. Além disso, são freqüentes os registros de envio, para os museus

2392



Os rios eram, como ainda são, a principal fonte de alimento.

O primeiro ciclo foi de combate permanente

européus, de 'produtos naturais e produtos das artes': sementes, bichos empalhados, bichos vivos, insetos, espécimes vegetais nativos.

É célebre a expedição realizada pelo francês Charles Marie de la Condamine, cuja comitiva foi ao Equador medir o arco meridiano e, depois, desceu o vale do Amazonas, apresentando seu relato de viagem em 1745.

Possivelmente foi este o primeiro relato de viagem contendo uma visão de potencialidade amazônica, embora ainda calçado nas drogas do sertão: Condamine revelou novidades a partir de um olho treinado de observador. Ele anuncia para a Europa o quinquina, a borracha, o curare, e apresenta o segundo levantamento cartográfico do rio Amazonas - o primeiro, realizado pelo jesuíta Samuel Fritz, se perdeu.

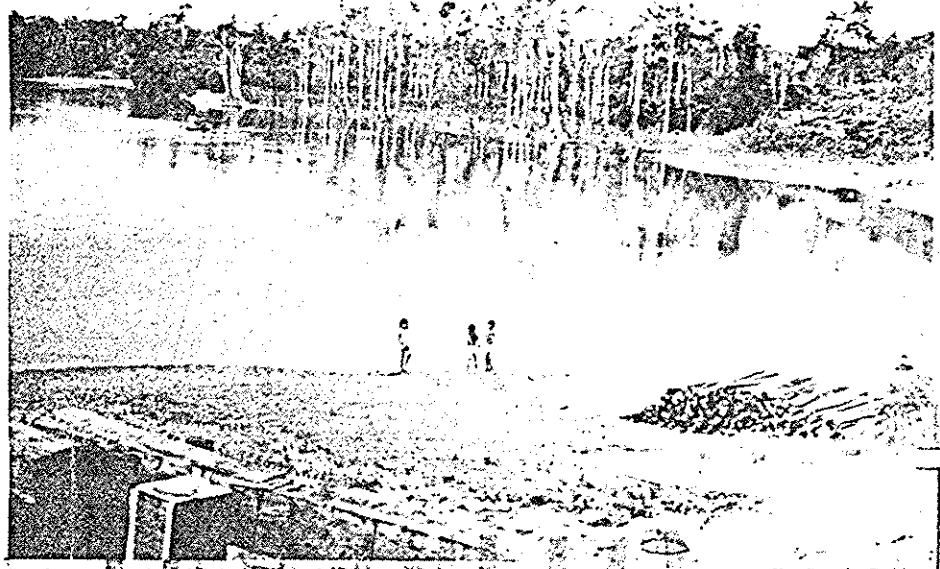
Com ou sem permissão, naturalistas se aventuraram pelo

grande rio, coletaram informações e desenvolveram observações, o que culminou, no final do século, com o trabalho de Alexandre Rodrigues Ferreira, que marca o fim da era de sigilo e segredos sobre as 'terras larguíssimas'.

O empenho português em reconhecer suas terras e avaliar sua potencialidade pode ser medido por esta expedição. Alexandre Rodrigues Ferreira tinha uma remuneração de quatrocentos contos de réis - quando a remuneração do próprio governador do Estado do Grão Pará não ultrapassava os sete contos, mais as mordomias e participações do cargo - e os dois desenhistas que com ele trabalhavam, cada um, trezentos contos. Quatro anos depois da chegada do naturalista à Amazônia o gabinete português reclamava de seu trabalho: afirmava que ele não estava mandando informações, nem espécimens, nem

novidades suficientes 'num país onde a Venus física rica ostenta imensas produções preciosas, muitos fenômenos extraordinários ou anteriormente não observados, e muitas plantas, que por certo seriam erborizadas por quem com mais cuidado e paciência as esquadrinhasse'.

A discussão mudara de tom visto que o mundo também mudara e começava a escapar ao controle dos países europeus. O sistema autocrático ruía sob a onda liberal e revolucionária iniciada na França e o mundo colonial sofre o seu primeiro grande abalo, com a libertação dos Estados Unidos após uma sangrenta guerra. No fim do século, Portugal queria saber de que lhe valia a colônia e, claro que, na caríssima expedição de história natural, procurava novos itens de fortalecimento: novas drogas, talvez minério com certeza alternativas para agricultura.



Desde as primeiras iniciativas, as árvores começaram a tombar. Cena rural nas imediações de Belém.